

Lisboa na viragem do século XX

entre Roque Gameiro e Norberto de Araújo



Rua da Mouraria (Passo da Procissão do Senhor dos Passos).
Atribuível a Alberto de Oliveira (1873-1940), por Norberto de Araújo. Finais do séc. XIX.

- 1

Casa dos Bicos – Rua dos Bacalhoeiros, 10
- 2

Arco de Jesus (Alfama)
- 3

Travessa de São João da Praça, 17
- 4

Rua da Judiaria, 10
- 5

Beco dos Cortumes (Inacessível)
- 6

Rua de São Pedro, 12
- 7

Largo do Chafariz de Dentro, 17
(Casa das Colunas)
- 8

Largo do Chafariz de Dentro, 23
- 9

Largo do Chafariz de Dentro
- 10

Beco de Penabuquel (Arco)
- 11

Escadinhas de Santo Estevão, 28
- 12

Largo de Santo Estevão, 15-16 (Arco visto de baixo; Palácio dos Azevedo Coutinho)
- 13

Largo de Santo Estevão, 13 (Arco visto de cima)
- 14

Beco do Loureiro, 7
- 15

Rua da Regueira, 37
- 16

Rua do Castelo Picão, 6-8
- 17

Igreja de Santa Luzia (Largo de Santa Luzia)
- 18

Pátio de Dom Fradique
(Entrada pela Travessa do Funil)
- 19

Rua dos Cegos, 20-22
- 20

Largo do Menino Deus, 3
- 21

Largo Rodrigues de Freitas, 21
(Arco de Santo André, demolido)
- 22

Costa do Castelo, 166
(Passo da Procissão dos Passos da Graça)
- 23

Rua da Mouraria, 90 (Início da rua do Capelão)
- 24

Rua da Mouraria, 64
(Antigo Colégio dos Meninos Órfãos)
- 25

Rua da Mouraria, 64 (Pátio interior do antigo Colégio dos Meninos Órfãos – inacessível)
- 26

Capela de Nossa Senhora da Saúde
- 27

Rua do Arco do Marquês de Alegrete (demolido)
- 28

Rua das Farinhas, 30-34
- 29

Beco da Achada
- 30

Largo da Achada
- 31

Praça Dom Pedro IV (Rossio)
- 32

Largo do Carmo (Chafariz)
- 33

Miradouro de São Pedro de Alcântara
- 34

Rua do Século, 230 (Alto do Longo)
- 35

Chafariz da Rua do Século
- 36

Calçada do Combro, 38A (Inacessível)
- 37

Calçada da Bica Grande
(Início da calçada com ligação à Rua de São Paulo)
- 38

Praça de São Paulo (Chafariz)
- 39

Avenida Dom Carlos I, 87-89 (demolido)
- 40

Jardim São Bento
(Ligação com a Calçada da Estrela - demolido)

Júlio de Castilho, na sua obra *Lisboa Antiga* (1879), num entendimento menos abonatório de uma «nova Lisboa» rendida às exigências da industrialização, massificação e circulação do último quartel do século XIX, exaltava o fulgor intacto da cidade velha, anti funcional, mas, por isso mesmo surpreendente e castiça. Esta conceção da cidade conquistou discípulos, como Norberto de Araújo, e contribuiu para a consciência do valor patrimonial da Lisboa velha, representado pelo olhar de Roque Gameiro. Através da imagem, mais do que o discurso, Roque Gameiro integra-se num conjunto de autores que começam a olhar para a cidade enquanto monumento, em que o valor histórico está no próprio desenho da cidade

e no seu conjunto urbano e arquitetónico. A obra de Roque Gameiro, como toda a arte, atua como testemunho visual representativo de uma determinada época, cultura e espaço geográfico: neste caso a Lisboa na viragem do século XX, a cidade que porventura mais ficou no imaginário comum. Elegeu a cidade velha em detrimento da nova urbe que se desenvolvia, com claro destaque para os bairros de Alfama e Mouraria, e suas imediações. Das suas representações ressaltam os aspetos dos recantos mais pitorescos e típicos que corriam maior risco de desaparecer. Interessava-lhe sobretudo os bairros populares, das ruelas tortuosas, dos becos, das escadinhas, dos arcos e dos chafarizes, com os seus pobres, varinas,

fadistas e crianças, os aguadeiros que vendiam água pelas ruas, os saloios a vender fruta, mulheres à janela..., cenas do quotidiano inseridas num cenário urbano antigo, singular e pitoresco. Alguns apontamentos de arquitetura mais erudita, como portais, torres de igreja, ou edifícios emblemáticos como a Casa dos Bicos, complementam o olhar do artista. Tal como Roque Gameiro, anos antes da publicação das suas *Peregrinações*, Norberto de Araújo concedeu protagonismo aos antigos bairros populares da cidade, palcos da ação dos seus romances mais conhecidos: *Novela do amor humilde*, de 1925 (em Alfama), e *Fado da Mouraria* de 1931. Com um “feitio de contemplador do povo desvairado e bom”, como o próprio se

define, Norberto tinha consciência de que passava a gerações futuras o seu testemunho e memórias da cidade que experienciou e estavam em risco de desaparecer. Considerava as suas *Peregrinações* “uma memória, cujos arquitetos e escultores foram todos. Apenas o «risco» é meu” (*Diário de Lisboa*, 2 de junho de 1938, Suplemento literário, p. 3). É a vontade de peregrinar por Lisboa, tão bem exercitada por Norberto de Araújo, e tão bem representada por Roque Gameiro, que nos leva a conhecer melhor estes palimpsestos urbanos - ecos de memória sobrepostos uns sobre os outros -, da cidade que é de todos nós. Demos, pois, o braço ao autor destas *Peregrinações* e comecemos a calcorrear Lisboa.



Itinerários sugeridos

ALFAMA > 1 a 17
Da Casa dos Bicos a Santa Luzia

MOURARIA E COSTA DO CASTELO > 19 a 30
Do Menino Deus ao Largo da Achada

À VOLTA DO BAIRRO ALTO > 32 a 38
Do Carmo a São Paulo



Completados **100 anos** desde a publicação de **Lisboa Velha** do mestre Alfredo Roque Gameiro (1864-1935), o Gabinete de Estudos Olisiponenses propõe olhar a cidade de Lisboa através de um percurso temático, que coloca em diálogo a obra artística de Roque Gameiro e a obra literária do jornalista e olisipógrafo Norberto de Araújo (1889-1952). É uma forma de perscrutar a cidade de Lisboa nas suas diferentes camadas históricas, num olhar centrado na matriz urbana e arquitetónica mais antiga, popular e pitoresca.

Do conjunto de 100 estampas compiladas em Lisboa Velha foram selecionados 40 pontos referenciais, acrescentando-se reproduções fotográficas do Arquivo Municipal de Lisboa, assim como fotografias atuais dos mesmos locais, que reconstituem o olhar do artista na nossa contemporaneidade. Complementamos o discurso expositivo com excertos das **Peregrinações em Lisboa** (1938-1939), redigidas num tipo de jornalismo literário, coloquial e bem informado, onde somos levados por vários périplos pela cidade, orientados num sentido bairrista, subindo cada rua, espreitando cada travessa, atravessando cada largo, visualizando cada edifício emblemático (uns mais eruditos, outros mais vernaculares), cada detalhe digno de referência, sejam aspetos estéticos, sejam apontamentos históricos.

Gabinete de Estudos Olisiponenses

Palácio do Beau Séjour
Estrada de Benfica, 368. 1500-100 Lisboa

Câmara Municipal de Lisboa / Direção Municipal da Cultura / Departamento do Património Cultural

Coordenação Hélia Silva

Investigação e textos Pedro Rodrigues

Design João Rodrigues

Fotografia André Pinto, José Vicente, Ana Luísa Alvim

Comunicação Vanda Souto

Digitalização Manuela Chirôndio e António Vilhena

Apoio Casa Roque Gameiro

Agradecimentos DAM-Arquivo Fotográfico

em fundo:
Roque Gameiro,
A Baixa vista do Jardim de S. Pedro de Alcântara
Estampa 11, in *Lisboa Velha*,
1925



<https://geo.lisboa.pt/>

março > outubro 2026

exposição | itinerários

Lisboa na viragem do século XX
entre Roque Gameiro e Norberto de Araújo

[gabineteestudos olisiponenses](#)

